

**REUNIR DOCUMENTOS PARA ESCREVER A HISTÓRIA: AS COLEÇÕES DE PEDRO DE ANGELIS NA BUENOS AIRES DO SÉCULO XIX****GATHER DOCUMENTS TO WRITE HISTORY: THE COLLECTIONS OF PEDRO DE ANGELIS IN 19TH-CENTURY BUENOS AIRES**

Resumo: Pedro de Angelis foi um erudito italiano que chegou a Buenos Aires em 1827. Entre as décadas de 1830 e 1850, colecionou documentos e os publicou em edições impressas, produzindo assim uma série de conjuntos documentais. Este artigo analisa as motivações do erudito ao colecionar e reunir documentos. O estudo utiliza como fontes principais as correspondências e a produção de Pedro de Angelis. Os documentos que reuniu – como sua coleção pessoal e sua *Colección* – serviriam, em particular, para garantir que outros letrados escrevessem história no futuro.

Palavras-chave: Pedro de Angelis, Documentos, Escrita da História.

Abstract: Pedro de Angelis was an Italian scholar who arrived in Buenos Aires in 1827. Between the 1830s and 1850s, he collected documents and published them in printed editions, thus producing a series of documentary sets. This article analyzes the scholar's motivations in compiling his collections. This study uses correspondences and the production of Pedro de Angelis as sources. The documents he gathered – such as his personal collection and his *Colección* – would serve to ensure that other scholars would write history in the future.

Keywords: Pedro de Angelis, Documents, Historical Writing.

Deise Cristina Schell
Doutora em História pela
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul (UFRGS);
Professora Assistente no
curso de Graduação
Tecnológica em
Gastronomia (Unisinos)
deisecris@gmail.com



<https://doi.org/10.4013/rlah.2022.1127.04>

1. Introdução

Os caminhos da disciplinarização da história na América Latina passam pela determinação em acumular e conservar vestígios do passado “*impulsada por la inclinación científica del quehacer erudito de algunos individuos notables*” (Betancourt Mendieta, 2018, p. 27). Na Argentina da primeira metade do Oitocentos, foi Pedro de Angelis quem se ocupou de formar conjuntos de documentos escritos e obras que lhe interessavam e encantavam e que pudessem servir, futuramente, à escrita da história das nascentes nações platinas. Os papéis que ele reuniu, afinal, versavam especialmente sobre o passado do Prata. Este artigo procurará compreender o que significava, para homens como ele, produzir uma “*infraestructura documental*” (Betancourt Mendieta, 2018, p. 27) e alguns dos motivos que levaram o erudito italiano a formar e publicar coleções e edições documentais no período que viveu em Buenos Aires.

É preciso reforçar que, no momento da atuação erudita de Pedro de Angelis, ainda não se operara uma nítida separação dos campos de conhecimento. A História se encaminhava para um momento de profissionalização ao tempo que o amadorismo da tradição antiquária fazia ecos nos fazeres dos interessados no passado. Além disso, na Buenos Aires da primeira metade do século XIX, não houve a criação de uma instituição que promovesse a produção da escrita da História, a sua disciplinarização e a produção de narrativas nacionais¹. Assim, por mais que não se possa considerar Pedro de Angelis um historiador de ofício, o estudo da história e do itinerário da reunião de manuscritos em uma coleção privada e da publicação de conjuntos documentais realizadas por ele é imprescindível para pensar tanto as práticas historiográficas quanto a relação dos sujeitos com os vestígios escritos do passado na região do Prata, em um momento em que os Estados Nacionais apenas começavam a ser construídos. Neste sentido, a partir de correspondências e da própria produção de De Angelis, percorreremos, aqui, pela formação de sua biblioteca pessoal de obras e documentos e pela edição de sua “*Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*”, pensando o personagem como um erudito antiquário que se estabeleceu e se constituiu como tal durante os governos de Juan Manuel de Rosas, entre as décadas de 1830 e 1850.

¹ A ausência de relatos nacionais e de instituições produtoras de conhecimento histórico na Argentina da primeira metade do século XIX é algo consolidado nas discussões acerca da história da historiografia daquele país. No entanto, e talvez por conta disso, a produção erudita de Pedro de Angelis costuma ser marginalizada ou mesmo esquecida em tais estudos.

2. Pedro de Angelis: um erudito colecionista em Buenos Aires

Pedro de Angelis, nascido em 1784, era de Nápoles. Foi lá, durante o reinado de Joaquin Murat, que ele se aproximou do mundo das letras e dos estudos: mesmo sendo republicano, aderiu ao monarca e se tornou preceptor de seus filhos, além de professor de História e Geografia e sub-bibliotecário da Real Escola Politécnica. Após a queda de Murat e a ascensão ao poder napolitano de um governo relacionado à Santa Aliança deixou a sua cidade natal, viveu brevemente em Genebra e acabou se estabelecendo em Paris em 1820. Sabe-se que lá De Angelis iniciou sua produção em torno dos estudos sobre o passado. Na capital francesa, o italiano trabalhou sobre a obra de Giambattista Vico, tendo compartilhado as ideias da “Ciência Nova” de seu compatriota com sujeitos como Jules Michelet. Circulando entre letrados e letradas parisienses como o já citado Michelet, François Guizot, Victor Cousin, Madame de Staël e Destutt de Tracy (Weiss, 1944; Sabor, 1995) De Angelis acabou por se tornar escritor e publicou, entre 1824 e 1826, narrativas sobre vidas de personagens ilustres na *Biographie universelle ancienne et moderne* (Sabor, 1995). Foi no período que escrevia para a *Biographie* que o erudito foi convidado para vir à América. Buenos Aires seria o seu próximo destino.

Em 1826, Pedro de Angelis foi contatado por Bernardino Rivadavia. A ideia do presidente da Argentina era contratar europeus letrados para que trabalhassem como redatores de periódicos que seriam abertos em Buenos Aires, bem dentro dos propósitos da “feliz experiência”². De Angelis chegou à cidade platina em 29 de janeiro de 1827. Em março, a *Crónica Política y Literaria de Buenos Aires*, dirigida e redigida pelo napolitano, já era impressa e publicada. Apesar de ter vindo ao Prata para atuar como jornalista – atividade que ele nunca antes havia desenvolvido –, é possível dizer que desde o seu desembarque em terras americanas, o italiano almejava realizar atividades mais próximas àquelas que desempenhava na Europa. No *legajo* do *Archivo General de la Nación*, no qual estão depositados os documentos pessoais de De Angelis, há um esboço de uma carta redigida por ele, endereçada

² O período que ficou conhecido como o da “feliz experiência” de Buenos Aires começou durante o governo liberal de Martín Rodríguez de quem Bernardino Rivadavia era ministro (de 1821 a 1824) e continuou durante o curto mandato presidencial do último (1826-1827). Foi marcado por criar instituições culturais e lugares de sociabilidade e de estimular a imprensa, transformando o espaço público portenho. Em um esforço de aproximar diversos setores da população de Buenos Aires ao que chamavam as “luzes do século XVIII”, diversos letrados estrangeiros chegaram à cidade incentivados ou contratados pelo governo argentino. Sobre isso, ver: Gallo, 2008; Baltar, 2015; Myers, 1998.

para Bernardino Rivadavia e datada em 13 de fevereiro de 1827 (alguns dias após a sua chegada em Buenos Aires, portanto). Nesse escrito, o erudito relatava:

De todas as posições que ocupei, a que me deixou maior saudade é a de bibliotecário da escola politécnica, sendo a mais conforme com meus gostos e hábitos. [...]. Encerrado no fundo de meu gabinete, todo rodeado de livros e relacionando-me com os jovens que aspiravam o devir, eu fazia todos os dias conquistas no campo da inteligência. Se eu tive algum sucesso na minha carreira literária, se eu encontrei algumas distinções nas minhas adversidades, é ao meu cargo como bibliotecário que eu devo, porque ele que mais contribuiu para eu me afeiçoar ao estudo. Todo o tempo que vivi no exílio, somente frequentava esses imensos depósitos de conhecimento humano que formam um dos ornamentos mais bonitos da França (Archivo General de la Nación, Sala VII, Legajo 96, tradução minha).

Argumentando na mesma missiva que estava prestes a ser admitido como funcionário da biblioteca do rei da França quando foi convidado para trabalhar no continente americano, o erudito pedia ao presidente argentino que lhe vinculasse formalmente a serviço da biblioteca desta cidade na qual agora se estabelecia. Para convencer Rivadavia, Pedro de Angelis escrevia que a sua nomeação “não deve ferir os direitos de ninguém, nem estaria, de modo algum, a cargo do tesouro” (Archivo General de la Nación, Sala VII, Legajo 96, tradução minha), já que encararia “como um benefício ter à minha disposição imediata todos os meios que são indispensáveis para me aproximar com alguma probabilidade de sucesso da tarefa que me é colocada” (Archivo General de la Nación, Sala VII, Legajo 96, tradução minha). Ele dizia, assim, não querer substituir nenhum servidor ativo, nem receber um salário para trabalhar na Biblioteca Pública de Buenos Aires: gostaria de ser seu funcionário para poder pesquisar nela sem ser importunado e, quem sabe, “suceder um dia a pessoa que hoje dirige este importante estabelecimento” (Archivo General de la Nación, Sala VII, Legajo 96, tradução minha).

Não sei se a carta rascunhada, depois de passada a limpo, chegou a ser enviada por De Angelis ao governante e jamais encontrei registros de que ele tenha conseguido obter o vínculo desejado com aquela instituição argentina. De qualquer forma, o documento parece indicar que, ao migrar para uma nação em vias de formação, o erudito já nutria expectativas de trabalhar próximo aos livros e aos documentos que o espaço platino guardava. Nos anos vindouros de sua vida bonaerense, no entanto, o periodismo continuaria a ser o seu principal ofício público e a sua principal atividade econômica. Pedro de Angelis acabou por se tornar o mais importante jornalista oficial durante o período em que Juan Manuel de Rosas deteve o poder da Província

de Buenos Aires (de 1829 a 1833 e de 1835 a 1852), atuando como editor e articulista nos periódicos *La Gaceta Mercantil*, *El Lucero*, *Restaurador de las Leyes*, *El Monitor* e *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo* (Myers, 1995). Nesses tempos, enquanto cumpria suas tarefas nos jornais pelos quais era responsável, o italiano começou a assumir, em segundo plano, o papel de um erudito ligado à tradição antiquária; satisfazia assim, talvez, parte dos anseios que carregava em relação às atividades que exerceria na cidade que o acolheu³.

3. A formação de uma coleção particular

Não há como saber exatamente quando Pedro de Angelis iniciou a coletar e a guardar papéis para si. Talvez esse tenha sido um interesse que o acompanhou desde o Velho Mundo; é possível mesmo que tenha trazido a Buenos Aires alguns exemplares de obras que já detinha na Europa (Sabor, 1995, p. 151). Certo é que desde que se estabeleceu neste continente, e especialmente a partir da década de 1830, quando já trabalhava nos periódicos oficiais de Rosas, o italiano passou a interessar-se em ter para si materiais que possibilitassem o estudo do passado americano e, especialmente, da região do Rio da Prata. Interessavam-no livros, jornais, panfletos, documentos impressos e manuscritos, incluindo mapas e tudo mais que fosse necessário (e possível) recolher para entender e a história platina⁴. Foi a reunião de papéis o ponto central de seu empenho colecionista: o próprio De Angelis definia e assumia em correspondências enviadas a seu amigo Carlo Zucchi que sofria de uma “doença crônica de perseguir livros e documentos antigos” (In: Badini, 1999, p. 149, tradução minha). Por esta razão, o italiano começou a procurar, entre livreiros e vendedores, em repositórios e bibliotecas públicas ou privadas, por vestígios escritos do passado do sul da América, adentrando-se em um verdadeiro “comércio da história”⁵. Pedro de Angelis foi formando, assim, a sua própria

³ Em agosto de 1840, Pedro de Angelis acabou se tornando *segundo archivero* do *Archivo General de la Nación*, durante o governo de Juan Manuel de Rosas. É preciso assinalar que não há muitas fontes que esclareçam quais e como eram as atividades da personagem no *Archivo General* ou mesmo sob quais prerrogativas o órgão foi gerido durante o rosismo. Pode-se afirmar, no entanto, que esse não era seu ofício principal, já que ele desempenhava esse papel ao mesmo tempo em que redigia e dirigia o jornal *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*. Mais do que isso, De Angelis não tinha as mesmas atribuições na instituição que Jerónimo Lasala, seu *primero archivero*. Ver em: Schell, 2018.

⁴ Importaram ao erudito napolitano até mesmo objetos como medalhas e fósseis de animais pré-históricos que viveram naquele espaço, dos quais ele também formou coleção enquanto viveu em Buenos Aires (ver em: Podgorny, 2011).

⁵ Para alcançar documentos e obras, De Angelis teve que construir relações e estabelecer contato com outros letrados, com instituições de guarda e de produção de conhecimento e sujeitos que, como ele, buscavam por documentos e se preocupavam em montar seus próprios acervos. As correspondências que o italiano trocou com seu amigo Carlo Zucchi são as principais fontes para compreender um pouco as tramas tecidas para obter e

coleção pessoal de documentos, guardada em sua casa, formada pelos materiais que por ele eram comprados, trocados ou mesmo copiados e transcritos⁶.

É importante pensar que os escritos – fossem sob a forma manuscrita ou impressa – foram, desde a Ilustração e ao longo do século XIX, considerados símbolos individuais ou coletivos de razão, civilização e progresso; no entanto – e, provavelmente, por isso mesmo –, participar do mundo das letras e de tudo que o envolvia (inclusive do comércio e do acesso aos repositórios públicos de livros e documentos) denotava uma posição privilegiada (Monteiro e Caldeira, 2007). Assim, segundo Graciela Batticuore, à época em que De Angelis atuou no Prata, havia um verdadeiro afã entre os protagonistas culturais da região, entre eles o próprio erudito italiano e homens como Florencio Varela, Juan María Gutiérrez e José Rivera Indarte, para que fossem “*reputados como dueños o propietarios de libros y bibliotecas bien munidas*” (2007, p. 78), bem como manuscritos, os quais todos os citados também possuíam. Ter uma biblioteca e uma coleção, além de permitir ao seu dono o poder de estudar, consultar e contatar livros e outros papéis a seu próprio tempo e em sua privacidade, ainda concederia prestígio e proporcionaria um certo “*exhibicionismo libresco*” ao proprietário (Batticuore, 2007, p. 79). Josefa Sabor afirma que a biblioteca de Pedro de Angelis era “*sueño y orgullo*” (1995, p. 159) de seu proprietário. Acredito que ele não só se orgulhava do patrimônio que acumulara, como tinha consciência do “poder” que construía em torno de si com sua coleção de escritos.

O conjunto privado de obras e manuscritos que De Angelis conformou sobre a história e a geografia da região do Rio da Prata acabou tendo, pois, grande valor simbólico – e, também financeiro⁷. É importante, aqui, ressaltar que após a independência americana, com a dissolução

consultar livros, manuscritos e mapas entre 1836 e 1839, e também posteriormente. O engenheiro-arquiteto compatriota de Pedro de Angelis que viveu em Montevideu e no Rio de Janeiro em sua passagem pela América, foi um dos mediadores dos contatos que o erudito estabeleceu naquelas cidades com fins de aumentar, enriquecer e, posteriormente, vender a sua coleção. Sobre as articulações de De Angelis no “comércio da história”, ver: Schell, 2018.

⁶ Alguns contemporâneos de Pedro de Angelis alegaram que ele também obtinha documentos furtando acervos privados e públicos de Buenos Aires, especialmente no período em que foi *segundo archivero* do *Archivo General*. É difícil confirmar ou refutar a hipótese de que ele foi um ladrão de documentos e livros. Tem-se a sua palavra contra a de seus denunciantes. No entanto, imagino que seja possível, por exemplo, que algumas obras que ele tomou por empréstimo de bibliotecas e de acervo estatais e pessoais nunca tenham sido devolvidas. Ressalto – não para relativizar possíveis ações desleais da personagem que estudo, mas para observar uma prática que poderia ser corrente – que existem acusações sobre formas ilegítimas de apropriação de papéis antigos contra outros colecionadores no Prata do mesmo período, algumas tecidas pelo próprio De Angelis.

⁷ Em alguns momentos de sua trajetória em Buenos Aires, Pedro de Angelis alegou não ter recursos suficientes para viver. Por isso ele iniciou, mas não concluiu, o processo de venda de sua coleção pessoal em diversas oportunidades entre 1840 e 1850. Para que conseguisse receber o quanto que, mensurava, a coleção valia, De Angelis argumentava que os seus papéis tinham valor não só simbólico, pelo que representavam como artefatos

do Império espanhol e os anos de conflitos e instabilidades e desordens que se seguiram no espaço platino, boa parte da documentação relativa ao período colonial e aos tempos em que se processava a ruptura com a Espanha acabaram se dispersando por aquele território. Não houve, naquele espaço, o estabelecimento e o ordenamento de arquivos e repositórios públicos de documentos históricos ou de instituições de saber que estimulassem a catalogação e a reunião de fontes do passado (Buchbinder, 1996). Muitos delas ficaram sob os cuidados de religiosos, de antigos funcionários da coroa hispânica e de membros da nova ordem vigente, tornando-se propriedade desses sujeitos, e logo passaram a circular em redes de comércio e de trocas particulares entre a América e outros continentes. Assim, ao buscar e reunir em uma coleção obras e manuscritos que se espalhavam por diversos lugares e que passavam pelas mãos de distintas pessoas, Pedro de Angelis acabou por manter em seu próprio gabinete uma parcela importante do conhecimento e da informação existentes sobre o passado do lugar onde vivia.

A partir do catálogo da coleção de Pedro de Angelis, intitulado “*Colección de obras impresas y manuscritas que tratan principalmente del Río de la Plata, formada por Pedro de Angelis*” e produzido pelo próprio erudito em 1852⁸, é possível ter a dimensão do tamanho do acervo que ele deteve na casa onde vivia com sua esposa, a francesa Melanie Dayet, em Buenos Aires. Estão relacionadas, ali, 1.559 obras impressas, 195 publicações periódicas, 1.241 manuscritos e grupos de manuscritos, além de 51 planos e mapas, em um total de 3.046 registros. Além disso, ao observar os títulos elencados, a organização dada a eles e o número de escritos que há em cada um dos capítulos, é possível conhecer quais eram os temas que mais motivavam suas buscas e seus estudos. Fica claro, por exemplo, que os relatos de viagens e os livros de história, que inauguram o índice, eram-lhe caros, especialmente aqueles escritos por viajantes, conquistadores, exploradores e estudiosos de todo o tipo, de várias partes do mundo, que desembarcaram ou não na América e que a descreveram e/ou a investigaram: dentre os 498 títulos do conjunto “*Historia y viajes*”, há obras que versam sobre diversas regiões do continente americano. O catálogo demonstra também que Pedro de Angelis guardava um grande volume de documentos sobre as missões jesuíticas estabelecidas no Paraguai, em Mojos

do passado e como demonstração da ilustração do seu possuidor, mas também econômico pela sua preciosidade e pelo que custavam no “comércio da história”. A coleção foi efetivamente vendida ao Império Brasileiro em 1853.

⁸ O catálogo pode ser visualizado na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/coleccion-de-obras-impresas-y-manuscritas-que-tratan-principalmente-del-rio-de-la-plata--0/html/>>. Acesso em: 01 mai. 2022. Ele foi impresso em 1853 e continha relacionados todos, ou quase todos, os papéis que o erudito possuía e que havia coletado ao longo de sua estadia em terras americanas. Sua produção foi realizada no contexto da venda da coleção ao Império Brasileiro.

e em Chiquitos – incluindo algumas *Cartas Anuas*, manuscritos produzidos pelos religiosos da Companhia de Jesus para circulação limitada entre seus pares. É o com o maior número de registros: 734.

Quadro 1 - Tabela contendo o tipo de ordenação e o número de entradas de cada um dos capítulos, além do número total de entradas, do catálogo da coleção pessoal de Pedro de Angelis.

IMPRESOS		
Sección Primera		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Historia y viajes</i>	Alfabética por autor	498
Sección Segunda		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Obras sobre el Río de la Plata desde su descubrimiento hasta su independencia, por orden cronológica</i>	Cronológica	82
<i>Obras publicadas desde la independencia hasta el año de 1852</i>	Cronológica	464
<i>Obras sobre el Estado Oriental del Uruguay, después de su separación de las Provincias Argentinas</i>	Cronológica	63
<i>Obras periódicas publicadas en las Provincias Argentinas, y en el Estado Oriental del Uruguay</i>	Cronológica	195
<i>Legislación, derecho público y economía política</i>	Alfabética por autor	248
<i>Poligrafía, filosofía y bellas artes</i>	Alfabética por autor	157
		1.707
MANUSCRITOS		
Sección Primera		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Documentos sobre las Provincias del Río de la Plata</i>	Cronológica	246
Sección Segunda		

	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Misiones del Paraguay</i>	Cronológica	535
<i>Misiones de Moxos y Chiquitos</i>	Cronológica	74
<i>Annuaire de las Misiones</i>	Cronológica	125

<i>Sección Tercera</i>		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Documentación sobre el Chaco</i>	Cronológica	112
<i>Costa de Patagonia</i>	Cronológica	112
<i>Estrecho de Magallanes</i>	Cronológica	10
<i>Islas Malvinas</i>	Cronológica	27
		1.241

<i>Sección Cuarta</i>		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Planos y mapas</i>	Não há	51

<i>APÉNDICE</i>		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Obras en lengua guaraní</i>	Cronológica	24
<i>Obras en lengua aimará</i>	Cronológica	6
<i>Obras en lengua quichuá</i>	Cronológica	4
<i>Obras en lengua quichuá y aimará</i>	Cronológica	2
<i>Obras en lengua chilena</i>	Cronológica	2
<i>Obras en lenguas del Chaco</i>	Cronológica	3
<i>Obras sobre la lengua del Brasil</i>	Cronológica	2
<i>Obras sobre la lengua mexicana</i>	Cronológica	1
<i>Obras correlativas</i>	Cronológica	3
		47

Total de entradas para <i>Impresos, Manuscritos, Planos y mapas</i> e Apéndice	3.046
--	-------

Fonte: Elaborada pela autora a partir de SABOR, op. cit., pp. 212-213; OBERMEIER, op. cit., pp. 7-8.

Chama a atenção, ainda, o empenho que De Angelis empregou em coletar manuscritos e impressos sobre as línguas de parcialidades indígenas. Segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães, o estudo de idiomas, bem como de paleografia, fazia parte dos procedimentos necessários à leitura e à crítica aos documentos feita pelos eruditos antiquários (Guimarães, 2011, posição 866). O italiano de fato utilizava as obras relacionadas a tais materiais em suas investigações etnolinguísticas – como comprovam os vários manuscritos de anotações que ele produzia sobre o tema que encontrei no *Archivo General de la Nación* –, mas há de se considerar que ele soubesse que elas eram raras e valorizadas no mercado⁹ e que, também por isso, as detinha.

Como já assinalei e como o próprio título do catálogo adverte, a coleção privada de Pedro de Angelis teve como principal objeto os impressos e os manuscritos que versavam sobre a história – e também a geografia– da região do Rio da Prata. Aí cabiam aqueles que não só tratavam do território que, naquele momento, eram reivindicados pela Confederação Argentina, incluindo os lugares limítrofes com outras nações (como o Chaco, a Patagônia e o disputado Estreito de Magalhães), mas também dos espaços adjacentes que, um dia, fizeram parte do Vice-Reinado platino (como o Uruguai, a Bolívia, o Paraguai e as controvertidas Ilhas Malvinas). Esse era o centro do interesse de De Angelis e da montagem de seu acervo, o que fica bastante visível no catálogo: a soma dos títulos dos quatro capítulos iniciais da segunda seção de impressos, de todos os manuscritos listados e das obras sobre as línguas faladas pelos indígenas que viviam em terras platinas, ultrapassa a metade de todo conteúdo do catálogo. Os impressos sobre a Confederação Argentina foram especialmente separados: primeiro, cronologicamente – do descobrimento à independência e da independência a 1852 (ano em que o índice foi produzido); aqueles sobre o Estado Oriental ganham capítulo especial depois do ano da separação de Buenos Aires; os manuscritos sobre as Províncias do Rio da Prata são

⁹ Aquele que é tido como primeiro livro impresso na Argentina, *De la diferencia entre lo temporal y eterno*, do padre Juan Eusebio Nieremberg, S.J., é um dos escritos da coleção. Há nela, ainda, vários catecismos, confessionários, vocabulários e gramáticas, impressos e manuscritos, produzidos desde o século XVII por religiosos que missionaram na América, especialmente entre os indígenas Guaraní, como os do padre Antonio Ruiz de Montoya, S.J.

separados daqueles das missões jesuíticas e dos espaços bem austrais e bem ao norte da Confederação.

A documentação escrita que ele guardava era fundamental, portanto, para a produção das narrativas históricas que passavam (ou passariam) a ser formuladas sobre as nascentes nações do sul da América e daquelas da região do Prata, em específico. No período vivido por nosso personagem, afinal, os documentos iam se tornando fundamentais no processo de disciplinarização pelo qual começava a passar a história – impulsionado pelo surgimento dos Estados nacionais e a necessidade de conhecer o seu passado –, no qual a evidência era cada vez mais submetida às fontes textuais (Guimarães, *Vendo o passado*, op. cit., p. 29).

4. Reunir documentos para escrever a história

Pode-se afirmar que dentre as peças coletadas, Pedro de Angelis valorizou os papéis na conformação de seu conjunto privado e em seus fazeres. Se Arnaldo Momigliano diz que há tempos os eruditos faziam “da coleta de documentos o seu negócio” (2004, p. 101), naquele início do Oitocentos o documento escrito se afirmava como base para a escrita da História. Tornava-se cada vez mais necessário legitimar os estudos e o conhecimento a partir de documentação comprobatória que fosse verificada como autêntica, verdadeira – e isso a história moderna que se constituía ao longo do século XIX, aliás, ia aprendendo com a prática erudita. Era, pois, possível utilizar as técnicas trazidas da diplomática de crítica documental para estabelecer a autenticidade de determinados registros deixados em papel e afastar quaisquer desconfiâncias a possíveis falsificações e manipulações; também através do manuseio e da leitura de manuscritos era possível “ver” o passado¹⁰. Segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães, “as práticas próprias aos procedimentos da erudição, corporificadas, entre outras, pelo saber diplomático, pareciam operar a fusão entre o saber antiquário e o saber do historiador” (2011, posição 804). Desta forma, a “escrita da história apontava na direção de um novo caminho em que a autoridade dos escritores antigos não era mais o fundamento a constituir a legitimidade para narrar o passado” (Guimarães, 2011, posição 804): os documentos é que eram dotados dessa característica. Intencionando garantir que a escrita da história das nações

¹⁰ Há que se considerar que os livros e manuscritos não serão só colecionados enquanto objetos palpáveis do pretérito, mas pelos textos e o conhecimento que suportam; os documentos escritos vão ser utilizados, século XIX adentro, cada vez mais, para ver o passado: “‘li’ torna-se ‘veja’” (Hartog, 2011, p. 160).

platinas fosse produzida de forma fiável, De Angelis não apenas buscou documentos para si, para sua fruição ou enriquecimento pessoal; ele os selecionou a partir de alguns critérios de validação, reuniu-os em coleções, e publicou-os.

A “*Colección de obras y documentos relativos a la historia moderna y antigua de las Provincias del Rio de la Plata*”, editada por Pedro de Angelis entre 1835 e 1839, é um exemplo deste tipo iniciativa. Nesta obra, o italiano publicou documentos que eram até então majoritariamente inéditos, ou seja, nunca haviam sido editados de forma impressa ou lidos por um público maior. Já na sua divulgação, iniciada em 23 de outubro de 1835, o erudito alertava o seu pretense público que os escritos que então reuniria e imprimiria corriam risco de desaparecer daqueles domínios e ressaltava o papel que ele e sua coleção tinham para a conservação da “*nuestra historia*” contida naqueles papéis. Nos dizeres estampados na propaganda que circulava no jornal *La Gaceta Mercantil*, De Angelis afirmava:

Muy raras son las bibliotecas y los museos que sobreviven a sus fundadores; y más raros los documentos que se perpetúan en el país a que pertenecen y a quién más interesa conservarlos. Estas consideraciones nos han impulsado a emprender una colección de obras y papeles relativos a nuestra historia y en su mayor parte inéditos, empezando por la ARGENTINA de Rui Díaz de Guzmán, cuya obra, según el señor Azara, juez competente en la materia, nadie ha eclipsado hasta ahora, a pesar de haber servido de tema y de modelo a todos nuestros historiadores. (De Angelis, 1836, p. II)

Já que recolhia manuscritos e papéis que encontrava espalhados em diversas mãos e em distintos depósitos, De Angelis tinha pleno conhecimento do estado em que se encontrava a documentação que tratava o passado da região do rio da Prata e que ainda estava naquele território. Não é por acaso que, em mais de uma ocasião no decorrer da *Colección*, ele criticava o descaso da administração colonial hispânica em relação à guarda dos documentos americanos, especialmente os oficiais, que, para ele, “*contenían la historia más auténtica del virreinato*” (De Angelis, 1837, p. III). De Angelis afirmava que enquanto “*en todas partes se franquean con generosidad*” (De Angelis, 1837, p. I) os arquivos, o vice-reinado do Rio da Prata os “*ocultava indistintamente a toda clase de personas, renunciando de este modo al fruto de las investigaciones de los hombres ilustrados*”, e concluía que

Si se hubiese puesto la misma vigilancia en conservar que en esconder, no tendríamos que lamentar la dispersión de tantos materiales, que interrumpen la serie de las tradiciones más interesantes. Los mismos informes de los Virreyes, que merecían un particular cuidado, han sido envueltos en estas pérdidas, que tal vez deban tenerse por irreparables. (De Angelis, 1837, p. II)

No proêmio escrito ao “*Reconocimiento del Rio Pepiri-Guazú*” de José Maria Cabrer, comissário e geógrafo responsável por uma partida demarcadora de limites no Vice-Reinado do Rio da Prata durante o período colonial, Pedro de Angelis demonstrava sua preocupação com o futuro dos documentos em posse da viúva daquele ex-funcionário da Coroa. O italiano publicava o “*Reconocimiento*”, um extrato de um Diário de Cabrer e afirmava:

Ocupado en coordinar los infinitos materiales que había juntado para la historia de la demarcación de límites, cifraba su ambición de dejar este monumento de su aplicación, y del mérito de sus colegas. Consta de cuatro tomos, de más de 2,000 páginas, ilustradas con muchos planes y mapas, contruidos y dibujados por su autor. Esta obra, fruto de ímprobos trabajos y de preciosos documentos auténticos, está inédita en poder de la viuda del Coronel Cabrer, de cuyas manos es probable que no tarde en salir para sepultarse en algún archivo secreto. Si así fuera, lo único que quedará para el público de este laborioso oficial, serán estas pocas páginas de su reconocimiento del rio Pepirí. (De Angelis, 1836, p. IV)

Segundo De Angelis, “preciosos documentos autênticos” como aqueles de José Maria Cabrer corriam o risco de “sepultar-se em algum arquivo secreto” sem nunca ter sido conhecidos ou estudados¹¹. Desta maneira, o desaparecimento e a dispersão da documentação seria um problema a resolver: sem buscar, reunir e tornar públicos os documentos, não havia como escrever a história de “*un país donde los estudios están aún en su infancia*” (DeAngelis, 1838, p. II). Tal qual Augustin Thierry, De Angelis pretendia “remover a poeira das crônicas e publicar os documentos” (Hartog, 2011, p. 151). É com essa justificativa que ele levava a público na *Colección*, por exemplo, o escrito “*Expedición al Chaco por el Río Bermejo*”, produzido por D. Adrian Fernandez Cornejo em 1790 após uma expedição para demonstrar a navegabilidade daquele rio. Segundo o erudito italiano, depois de “*correr los trámites de un expediente ordinario*”, aquele documento administrativo “*fué entregado al polvo de los archivos*” e era por isso que sua impressão “*no debe mirarse como superflua*”: sem ela, “*tal vez se hubiera perdido hasta el recuerdo de este viaje*” (De Angelis, 1836, p. V). No mesmo sentido, De Angelis afirmava que lhe havia “*cabido la suerte de sacar del olvido*” (De Angelis, 1836, p. V) a “*Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*”, do missionário jesuíta Padre José Guevara que, então, recebia sua primeira edição impressa.

¹¹ Se não acabaram “sepultados em algum arquivo secreto”, alguns dos documentos de José Maria Cabrer herdados por sua esposa tiveram como destino outras coleções pessoais, como a do próprio Pedro de Angelis.

Em correspondência remetida em fins de 1835 por Pedro de Angelis ao uruguaio Florentino Castellanos, o letrado esclarecia em definitivo a principal intenção que tinha ao reunir e configurar a sua *Colección* documental. O italiano escrevia que com aquela publicação, levaria ao público “uma porção de documentos importantes que jaziam sepultados”, os quais objetivava “tirar do esquecimento, e preservar da destruição”, derramando, assim, “uma grande luz sobre a história do país”:

Es verdad que, sin atribuirme otro merito, puedo creerme con el sacar del olvido, y preservar de la destrucción a una porción de documentos importantes que yacían sepultados, hace siglos, en los rincones más retirados del mundo. Su publicación derramará una gran luz sobre la historia del país, y los que quieran ocuparse de ella no sentirán la falta de materiales y noticias, como ha sucedido hasta ahora. (Becú; Torre Revello, 1941, p. XLIV).

Não era, portanto, só na Europa da “*Monumenta Germaniae Historica*” (1826), da “*Collections de Documents Inédits sur l’Histoire de France*” (1835) e de Thierry, Guizot e Michelet que esse movimento ocorria. Na América de meados do século XIX, diversos sujeitos passaram a dedicar-se à edição de documentos do passado vislumbrando a conformação dos Estados Nacionais, todos sendo gestados após as Independências, e orientando as possibilidades futuras de escrita das suas histórias. No México, Joaquín García Icazbalceta se esforçou, já na década de 1840, para garimpar, imprimir e tornar públicos manuscritos do século XVI com objetivo de “*allanar el camino para que marche con más rapidez y con menos estorbos el ingenio a quien esté reservada la gloria de escribir la historia de nuestro país*” (In: Fernandes, 2013, p. 155)¹². No Brasil, os letrados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob a proteção e o patrocínio de Dom Pedro II, preocupavam-se em publicar em sua *Revista*, desde 1839, os escritos que estabeleciam como documentos da nacionalidade que se queria narrar e construir. Na Argentina rosista, Pedro de Angelis que intentava cumprir esse papel.

Pedro de Angelis preocupava-se com a recuperação e a salvaguarda de papéis e em atestar se os documentos eram verdadeiros, fiáveis, válidos para a escrita da história. Para isso, ele selecionava e criticava os manuscritos, acompanhando-os de anotações e textos – entre notícias biográficas, proêmios, prólogos, índices geográficos e notas de rodapé (Schell, 2015). Como afirma Salgado Guimarães, “da coleção ao catálogo, o que estava em marcha era um projeto de submeter a documentação [...] a um novo olhar, a uma nova economia do saber acerca

¹² Em 1858, García Icazbalceta publicou, em tomos, a “*Colección de documentos para la historia de México*”.

do passado. Localizar, identificar, reunir e catalogar, mas igualmente deliberar acerca da ‘autenticidade dos exemplares achados’. Na compreensão de eruditos como De Angelis, escrever a verdadeira história das nações em construção demandava este conjunto de procedimentos iniciais e imprescindíveis. Conforme o próprio italiano afirmou, naquele momento “*lo que más importa es reunir hechos para rectificar conjeturas, sacar el país de la oscuridad en que yace, y delinear su fisionomía actual*” (De Angelis, 1836, p. II). Sua iniciativa acabou reconhecida por seus próprios coetâneos.

Dois anos após o início da edição da *Colección de obras y documentos* por Pedro de Angelis, eram publicadas as primeiras resenhas sobre a obra em revistas científicas da Europa. Tratava-se do *Journal of the Royal Geographical Society of London* e do *The Edinburgh Review or Critical Journal*. Os dois textos exaltavam a iniciativa de De Angelis. Woodbine Parish era quem escrevia as apreciações sobre a *Colección* impressas na revista da sociedade geográfica londrina. Conhecedor da situação dos documentos históricos na região do Prata, já que enquanto esteve em Buenos Aires como primeiro cônsul britânico entre 1825 e 1832 visitava frequentemente a coleção privada de Segurola, onde, como Pedro de Angelis, realizou cópias de manuscritos (Podgorny, 2011, p. 36), Parish escrevia que o “valeroso trabalho” do “*Señor de Angelis*” era

a primeira tentativa, acreditamos, já feita sob qualquer um dos novos governos da América do Sul, de coletar e trazer diante do mundo alguns dos muitos registros originais existentes nos seus arquivos públicos, ilustrativos da história e da geografia das possessões espanholas naquelas partes, o que a política da pátria-mãe tão cuidadosamente escondera do conhecimento público (The Journal of The Royal Society of London, 1837, p. 351, tradução minha).

Até aquele momento não existiam nas novas nações americanas nenhum Instituto Histórico e Geográfico dedicado à coleta e à organização de documentos ou à escrita de histórias nacionais, nem outra coleção documental que se equiparasse àquela realizada por De Angelis. Podemos supor que o erudito italiano, atento aos movimentos que aconteciam na Europa de criação de instituições de saber destinadas à produção do passado das comunidades nacionais, tinha essa leitura quando iniciou o seu projeto. Woodbyne Parish ressaltava esse feito em sua resenha. A *Colección* de De Angelis era valorosa por levar a público documentos que abordavam a história do espaço que ia desde a Patagônia até o Peru, regiões que, certa feita, estiveram sob o governo do Vice-Reinado de Buenos Aires:

O projeto de estender a fronteira sul da província de Buenos Aires e as expedições realizadas com o objetivo de conduzir os Índios para além do Rio

Negro parecen ter levado a uma busca pelas informações que foram coletadas em períodos anteriores; e não apenas diversos papéis valiosos relativos ao Pampa e àquelas partes da costa da Patagônia exploradas e parcialmente colonizadas pelos espanhóis no último século foram assim trazidos à luz, mas uma massa de outros do maior interesse, ligados à história da descoberta original e da subsequente exploração de uma grande porção dessas amplas regiões anteriormente constituídas baixo o governo do Vice-Rei de Buenos Aires, e alcançando desde a Patagônia até o Peru. Felizmente, o Senhor de Angelis foi capaz de compreender o valor destes materiais; e sob os auspícios do atual governo de Buenos Aires se encarregou de publicá-los. (The Journal of The Royal Society of London, 1837, p. 351, tradução minha)

Para Wasserman, obras como a do italiano eram valorizadas positivamente já que “*a través de ellas podían crearse vínculos con personalidades o sociedades científicas y literarias de Europa y América*”. Além disso, ainda segundo o historiador argentino, uma coleção documental “*también oficiaba como un mecanismo legitimador de literatos y científicos ante la ausencia de instituciones locales capaces de ejercer esa función*” (Wasserman, 2010 p. 31). Sem uma instituição de saber a partir da qual pudesse fazê-lo, por intermédio daquela obra publicada sob sua autoria, Pedro de Angelis pôde acessar novos espaços, criar novos vínculos e estabelecer novas relações no mundo letrado; acredito que esse fosse um de seus maiores objetivos pessoais tanto ao colecionar documentos quanto ao publicar a *Colección*.

Em 1854, Bartolomé Mitre impulsionou a criação de um *Instituto Histórico y Geográfico del Río de la Plata* em Buenos Aires. Provavelmente por reconhecer o trabalho realizado pelo erudito italiano ao buscar, reunir e publicizar documentos históricos na *Colección* duas décadas antes de sua iniciativa, Mitre o convidou a assinar a ata de fundação da instituição e a participar de suas sessões. Em sua biografia sobre De Angelis, Josefa Sabor se refere a uma carta escrita pelo napolitano ao seu amigo Tomás Guido, ministro de Guerra e Relações Exteriores do governo Rosas, na qual ele comenta o convite feito por Mitre e a sua ida a uma das reuniões da instituição. Àquela época, o erudito estava retirado e já não mais participava da vida pública ou produzia algum escrito:

Yo vivo en mi quinta, como un patriarca, ni me quejo de mi suerte. Mucho me ha costado salir de mi retiro, para asistir a una sesión del Instituto histórico y geográfico que acaba de instalarse en esta ciudad. Pero me era imposible evitarlo. El Sr. Mitre vino en persona, con otros individuos a pedirme de figurar entre los fundadores de esta institución, y a pesar de mi repugnancia de salir de la oscuridad en que vivo, tuve que ceder a sus instancias. (In: Sabor, 1995, p. 148)

O objetivo principal do *Instituto* de Bartolomé Mitre não era, afinal, tão distinto do que Pedro de Angelis aspirava em 1835 ao projetar sua *Colección*, apesar de o italiano não a ter produzido a partir de uma instituição de saber. Além de difundir os trabalhos históricos, editar uma revista mensal e vincular-se com as associações científicas do exterior (Buchbinder, 1996, p. 67) – como o IHGB, no qual as ações da associação bonaerense se inspiravam assumidamente – Mitre pretendia especialmente reunir e recompilar os documentos históricos que estavam dispersos, organizando uma biblioteca, um arquivo e uma coleção de mapas. Isto fica bastante claro em um trecho do discurso que proferiu na sessão fundadora da instituição, realizada naquele mesmo ano na Biblioteca Pública de Buenos Aires:

Pasando ahora a los objetos de la asociación, creo que a nada más hermoso ni más útil pueda ella contraerse que al estudio de la historia, de la geografía y la estadística en todas sus relaciones y aplicaciones circunscribiéndose a los países del Río de la Plata, donde pueden explotarse con novedad y ventaja los ricos materiales que todavía ni aún han sido clasificados. Tal vez en el vasto programa de nuestros trabajos, no nos sea posible examinar esos materiales a la luz de un sano criterio, y tengamos que contentarnos con poner algún orden en el caos de documentos que constituye nuestra herencia historial. (Mitre, 1959, p. 100)

Em 1865, alguns anos depois do falecimento do italiano, a *Colección de obras y documentos* foi rememorada como “monumento” por Domingo Faustino Sarmiento: “*La colección de Angelis es [...] el monumento nacional más glorioso que pueda honrar a un Estado americano*” (Sarmiento, 1944, p. 384). Para Fabio Wasserman, a obra de De Angelis passou a importar, então, por “*su propia existencia y su carácter secuencial que evidenciaban tanto el pasado valioso y digno de recuerdo que tenían los pueblos del Plata como los avances producidos en el presente para lograr su conocimiento*” (Wasserman, 2010, p. 31).

5. Considerações finais

É importante ressaltar que Pedro de Angelis não escreveu nenhuma narrativa histórica em conformidade com os cânones modernos, produção que sequer parece ter estado em seu horizonte. Apesar disso, alguns conjuntos de documentos que acessamos até os dias de hoje para pensar a história da Argentina e de outras nações da América Latina foram produzidos na Buenos Aires da primeira metade do XIX pelo erudito, enquanto ele perscrutava e recolhia manuscritos e obras, colecionava-os em sua biblioteca pessoal, selecionava-os e os editava em

impressos que eram levados a público. Os seus conjuntos documentais foram produzidos em um momento da constituição do conhecimento histórico em que importava mais a busca, a recompilação, a transcrição, a classificação, a reprodução, a divulgação e a conservação dos vestígios materiais do passado, em particular os escritos, do que propriamente a análise daqueles documentos e a produção das historiografias nacionais.

Especialmente no Prata, onde a instabilidade dos projetos políticos após as Independências, a inexistência de instituições de saber e guarda (ou a impossibilidade e/ou desinteresse de organizá-las de forma sistemática) e o próprio “comércio da história” tornavam difusa a custódia documental e ameaçava a própria manutenção dos documentos, a reunião de papéis – como a coleção pessoal e a *Colección* de De Angelis – serviria para garantir que a escrita das histórias nacionais pudessem ser realizadas no futuro. No “*ámbito erudito*”, afinal, “*y bajo las condiciones del siglo XIX en América Latina*”, reunir estas peças significava não só garantir um certo “poder” simbólico (e econômico) aos colecionadores que as detinham, mas possibilitar a preservação da “*materia indispensable sin la cual no se podía hacer la investigación y poner en acción la escritura de la historia*” (Betancourt Mendieta, 2018, p. 27).

Fontes:

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Fondo Pedro de Angelis. Sala VII. Legajo 96. Carta de Pedro de Angelis a Bernardino Rivadavia, 12 février 1827.

BADINI, G. 1999. *Lettere Dai Due Mondi*. Pietro di Angelis e altri corrispondenti di Carlo Zucchi. Reggio Emilia, Archivio di Satato di Reggio Emilia.

DE ANGELIS, P. 1836. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires, Imprenta del Estado.

DE ANGELIS, P. 1837. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires, Imprenta del Estado.

DE ANGELIS, P. 1838. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires, Imprenta del Estado.

THE JOURNAL OF THE ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY OF LONDON. 1837. Londres, vol. 7.

Referências:

- BATICCUORE, G. 2007. Lectores, autores y propietarios. Las bibliotecas románticas. In: GAYOL, S.; MADERO, M. (ed.). *Formas de historia cultural*. Buenos Aires, Prometeo Libros; Los Polvorines; Univ. Nacional de General Sarmiento.
- BECÚ, T.; TORRE REVELLO, J..1941. *La Colección de Documentos de Pedro de Angelis y el Diario de Diego de Alvear*. Buenos Aires, Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser Ltda.
- BETANCOURT MENDIETA, A. 2018. *América Latina: cultura letrada y escritura de la historia*. 1ª Ed, Barcelona/San Luis Potosí (México), Anthropos Editorial/Universidad Autónoma de San Luis Potosí.
- BUCHBINDER, P. 1996. Vínculos privados, instituciones públicas y reglas profesionales en los orígenes de la historiografía argentina. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*, núm. 13, 1º semestre, pp. 59-82.
- FERNANDES, L. E. O. 2013. Las crónicas coloniales como fuentes históricas: el trabajo de la erudición ochocentista en la edición e interpretación de textos coloniales (México, EEUU, Argentina y Brasil). In: HURTADO, L. R. (org.). *Las crónicas coloniales: fuentes para historias comparadas*. Lima, PUCP; Museo Nacional de Arqueología, Antropología e Historia del Perú, 2013, p. 145-164.
- GUIMARÃES, M. L. S. 2010. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 5, pp. 185-200.
- GUIMARÃES, M. L. S. 2007. Vendo o passado: representação e escrita da história. *Anais do museu paulista: História e Cultura Material*, vol. 15, n. 2, pp. 11-30.
- GUIMARÃES, M. L. S. 2011. História e erudição. In: NICOLAZZI, F.; MOLLO, H. M.; ARAÚJO, V. L. (org.). *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro, Editora FGV, Edição Kindle, posição 710-1008.
- HARTOG, F. 2011. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2011.
- MITRE, B. 1959. Instituto Histórico y Geográfico. Discurso pronunciado en la Biblioteca Pública con el objeto de promover a la asociación. In: MITRE, Bartolomé. *Obras completas*, Buenos Aires, 1959.
- MOMIGLIANO, A. 2004. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, EDUSC.
- MONTEIRO, R. B.; CALDEIRA, A. P. S. 2007. A ordem do tempo: folhetos na coleção Barbosa Machado. *Topoi*, v. 8, n. 14, pp. 77-113.
- MYERS, J. 1995. *Orden y virtud*. El discurso republicano en el regimen rosista. Buenos Aires, Universidad Nacional de Quilmes.

PODGORNY, I. 2011. Mercaderes del pasado: Teodoro Vilardebó, Pedro de Ángeles y el comercio de huesos y documentos en el Río de la Plata, 1830-1850. *Circumscribere: International Journal for the History of Science*, v. 9, p. 29-77.

SABOR, J. E. 1995. *Pedro de Angelis y los orígenes de la bibliografía argentina: ensayo bio-bibliográfico*. Buenos Aires, Solar.

SARMIENTO, D. F. 1944. *Obras selectas*. Edición ordenada, revisada y precedida por un estudio preliminar por Enrique de Gandía. Buenos Aires, Editorial La Facultad.

SCHELL, D. C. 2015. Bajo los poderosos auspicios de Rosas: Pedro de Angelis e sua “Colección” de documentos históricos. *Dimensões*, n. 35, p. 84-109.

SCHELL, D. C. 2018. *Entre coleções e arquivos: Pedro de Angelis e a produção de conjuntos documentais* (Buenos Aires, 1835-1852). Porto Alegre/RS, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

WASSERMAN, F. 2010. La historia como concepto y practica: conocimiento histórico en el Río de la Plata (1780-1840). *História da Historiografia*, número 4, pp. 15-36.

WEISS, I. 1944. *Los antecedentes europeos de Pedro de Angelis, contribución a su biografía*. Buenos Aires, El Ateneo.

Recebido em: 02/05/2022
Aprovado em: 16/06/2022



RLAH
Janeiro/Julho de 2022